

DISCUTINDO, NO COTIDIANO ESCOLAR, O PAPEL DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE, EM RELAÇÃO AO USO INDEVIDO DE MEDICAMENTOS POR ADOLESCENTES

Suzana Schwerz Funghetto*
Valéria Moran Pereira**

RESUMO: O uso de medicamentos e drogas na adolescência é assunto merecedor de especial atenção e gerador de inúmeras polêmicas que levam os jovens a julgar que o uso indevido de medicamentos não prejudica a saúde. Dados da UNESCO (2001) revelam que 2,8% dos adolescentes do Distrito Federal já presenciaram seus amigos utilizando medicamentos, como *ecstasy*, calmantes, anfetaminas e anabolizantes. O presente artigo aborda este universo, tendo em vista a investigação realizada no cotidiano escolar com professores e alunos de escolas do ensino médio da rede pública e privada do Distrito Federal sobre saúde, drogas e uso indevido de medicamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação para saúde. Uso indevido de medicamentos. Adolescência. Ensino médio.

* Professora do curso de Pedagogia do UniCEUB; mestre em Educação; especialista em Educação Especial; líder do Grupo de Pesquisa do UniCEUB *Educação em saúde - integrando a universidade à escola*. E-mail: suzana.funghetto@uniceub.br

** Pedagoga pelo Centro Universitário de Brasília; foi bolsista do 3º Programa de Iniciação Científica do UniCEUB; é especialista em Docência Universitária pelo UniCEUB, participante do Grupo de Pesquisa do UniCEUB – *Educação em saúde - integrando a universidade à escola*. E-mail: lelamp@gmail.com

INICIANDO A CONVERSA SOBRE O USO INDEVIDO DE DROGAS E MEDICAMENTOS NA ADOLESCÊNCIA

No Brasil, inquéritos epidemiológicos têm sido realizados com objetivo de estudar as prevalências de uso de drogas em crianças e adolescentes em idade escolar (BUCHER, 1992; SANTOS, 1997; CASTRO; ABRAMOVAY, 2002; GALDURÓZ, 2004). Além do álcool e do fumo, os indicadores disponíveis apontam para a prevalência de uso de dois grupos de drogas dos quais pouco se fala nos países industrializados: os solventes e os medicamentos. Em especial, os estudos epidemiológicos fazem paralelo entre a vulnerabilidade da adolescência¹ – período de grandes modificações – e a utilização de medicamentos para emagrecer, ansiolíticos, esteróides e anabolizantes.

Há aproximadamente 20 anos, o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) realiza pesquisa sistemática de abrangência nacional sobre uso de drogas na idade escolar e alguns fatores de risco entre estudantes do ensino do ensino fundamental e médio em dez capitais brasileiras. Cinco levantamentos do CEBRID (1987, 1989, 1993, 1997 e 2004) revelaram aumentos significativos no uso eventual (seis vezes ou mais no mês) e no uso freqüente (vinte vezes ou mais no mês) de várias drogas. Nesses levantamentos, há o aumento de consumo de drogas lícitas e ilícitas por alunos. Também podem ser evidenciadas as preferências de utilização de drogas por sexo – a utilização de maconha e cocaína é maior pelo sexo masculino, e os medicamentos são mais utilizados pelo sexo feminino.

Tanto na área da educação como na da saúde, os profissionais apontam para estudos qualitativos no cotidiano escolar que investiguem quais são os fatores que induzem os adolescentes a utilizar medicamentos de forma inadequada ou não racional, uma vez que o uso indevido de medicamentos, como anabolizantes, anfetaminas, xaropes e ansiolíticos, são comuns na adolescência. (CASTRO; ABRAMOVAY, 2002). Mas, o que leva a utilização de medicamentos de forma abusiva ou irracional? Esse fenômeno está vinculado às propagandas abusivas e enganosas veiculadas nos meios de comunicação, às condições socioeconômicas da população, à falta de informação correta sobre a utilização das substâncias, à ausência de profissional farmacêutico nos

¹ No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente define esta fase como característica dos 13 aos 18 anos de idade.

estabelecimentos de venda de medicamentos, aos erros de prescrições, entre outros aspectos (SANTOS, 2001; BRANDÃO, 2001).

As conseqüências da prática não-racional dos medicamentos podem adquirir dimensões imprevisíveis, causando danos à saúde a curto e longo prazo. Em nosso país, a automedicação, os erros de medicação, a ausência ou a omissão de informações sobre os medicamentos no cotidiano escolar e a falta de acesso tornam-se sérios problemas de saúde pública (AVERMES, 2006; SINGH; MUSTAPHA, 2004; ROZENFELD, 1998).

O CONCEITO DE SAÚDE E DE PROMOÇÃO DA SAÚDE NO CONTEXTO ESCOLAR

A saúde é entendida como bem-estar físico, social, emocional, mas, nesse sentido, o enfoque sobre a saúde deve ser observado como um conjunto de condições criadas coletivamente, objetivando qualidade de vida, produção e reprodução de modo saudável (OMS, 2002; PCN, 2002). Para a promoção da saúde, os processos educativos têm como eixos a construção de vida mais saudável e a criação de ambientes favoráveis à saúde, o que significa conceber a educação como processo que trata do conhecimento como algo construído e apropriado, e não meramente a ser transmitido (PCN, 2002). O conhecimento, por sua vez, é fruto da interação e da cooperação entre sujeitos que são diferentes, que trazem experiências, interesses, desejos, motivações, valores, crenças únicos, singulares, mas, ao mesmo tempo, plurais, diversos, por isso é incompleto e histórico (CASTRO; ABROMAVAY, 2002).

A educação e a saúde, como campos de conhecimentos e de práticas, têm sido consideradas pelas suas especificidades. Isso tem feito que a educação seja associada à escola e aos processos de aprendizagem, e a saúde, por sua vez, seja identificada com os serviços de saúde (PCN, 2002). A relação entre saúde e educação vai além de ações pontuais e passa a estabelecer outro ponto de interseção, o que permite maior integração dos saberes acumulados por tais campos, posto que os processos educativos, assim como os de saúde e doença, incluem, igualmente, tanto conscientização e autonomia quanto necessidade do desenvolvimento de ações coletivas e de fomento à participação. Tais perspectivas de educação e saúde vêm sendo revistas, no sentido de diminuir a fragmentação presente tanto na abordagem quanto na produção do conhecimento e no

desenvolvimento das práticas, sobretudo as que envolvem as ações educativas no contexto da promoção da saúde (PCN, 1998).

Superar essa fragmentação é um grande desafio, pois a prática está impregnada de ações desconectadas entre a teoria e a prática. O fracasso escolar, por exemplo, é facilmente explicado do ponto de vista estreito da limitação do aprendiz para o aprender, que é só dele e que foi, durante muito tempo, medicalizada (PCN, 2002; NASCIMENTO, 2003). Assim como a aprendizagem, a saúde envolve movimentos e mobilização de recursos internos e externos, e, para que o professor seja capaz de organizar e estimular situações de aprendizagem e gerar a progressão desses processos, terá de mobilizar seus recursos internos e externos. Quando se propõe reflexão sobre a concepção de saúde que cada um tem, pensamos que tal procedimento, para ser efetivo, precisaria implicar a reflexão sobre a saúde dos próprios professores, seja do ponto de vista individual, seja do coletivo.

ABORDANDO O TEMA MEDICAMENTOS NO COTIDIANO ESCOLAR

Se pensarmos uma escola promotora de saúde, precisamos incluir, necessariamente, a idéia de estar saudável, associada a todos que convivem na comunidade escolar. Por isso, levantar como a concepção de saúde e a de doença foram construídas ao longo da história de vida de cada sujeito integrante da comunidade significa repensar e avançar na discussão coletiva sobre a construção de vidas mais saudáveis (SANTOS, 1997), o que também deve ser realizado quando o assunto se refere a drogas e medicamentos.

Drogas lícitas (socialmente aceitas e difundidas no mercado) e ilícitas são prejudiciais à saúde humana, quando utilizadas em dosagem acima da capacidade metabólica do indivíduo (NASCIMENTO, 2003). O medicamento pode ser um veneno, dependendo da dosagem. Sendo assim, o que faz da droga química um veneno é a dosagem e a indicação a que ela é destinada, por isso ingerir qualquer tipo de medicamento sem indicação de profissionais adequados é um risco à saúde. O abuso das drogas lícitas supera, praticamente em todo o mundo, o consumo das drogas ilícitas.

Para Castro e Abromavay, (2002 p.36),

[...] as drogas sintéticas estão-se transformando no inimigo público número um entre as substâncias ilícitas. Vistas como uma característica aceitável da cultura *dancing* de clubes e casas noturnas, elas estão sendo banalizadas e usadas por pessoas muito jovens.

As autoras observam que os problemas de saúde causados por essas substâncias são “grandes e acumulativos”. As anfetaminas podem causar dependência e diferentes tipos de psicose, e o *ecstasy* acelera o processo de envelhecimento, levando a sintomas semelhantes ao mal de Alzheimer.

Medicamentos são produtos farmacêuticos tecnicamente obtidos ou elaborados com a finalidade de curar, prevenir doenças, diagnosticar ou aliviar os sintomas (RANG; DALE; RITTER, 2001). A grande variedade de substâncias psicoativas pode induzir distúrbio mental orgânico, incluindo sedativos, hipnóticos, ansiolíticos, opióides, cocaína e anfetaminas. Rang, Dale e Ritter (2001) enfatizam que substâncias psicoativas são aquelas que, quando assimiladas pelo corpo, alteram a consciência ou o estado mental. Todas as substâncias psicoativas estão sujeitas a abuso, mau uso e dependência psicológica e física. Os autores dividem os medicamentos em quatro grupos: substâncias ansiolíticas e sedativo hipnóticas, anfetaminas, anabolizantes e antitussígenos.

REALIZANDO UM ESTUDO NO COTIDIANO ESCOLAR

O estudo foi realizado por meio do Programa de Iniciação Científica do UniCEUB. Teve como abordagem a pesquisa qualitativa, o que possibilitou definir os sentidos subjetivos e os processos de significação, favorecendo a criação de unidades complexas de estudo da população, buscando, com isso, elucidar e conhecer os complexos processos que constituem o uso irracional de medicamentos.

A coleta de dados foi realizada em dez (10) escolas de ensino médio da rede pública e privada do Distrito Federal. Foram investigados, no total, 60 alunos e 20

professores por meio de entrevista semi-estruturada. Foram entrevistados dois alunos (um de cada sexo) de cada série do ensino médio.

Todos os participantes da pesquisa declararam que o uso de drogas na adolescência é assunto polêmico que deve ser tratado no cotidiano escolar com maior frequência pelos professores e por políticas educacionais. Em relação ao uso de medicamentos, mesmo os professores de Biologia enfatizaram que desconhecem formas de trabalho com esse conteúdo no ensino médio.

Os alunos das escolas privadas afirmaram que utilizam, com maior frequência, o álcool, o fumo (cigarro), a maconha e o lança-perfume, enquanto os alunos da rede pública de ensino utilizam com maior frequência o álcool, o fumo (cigarro), a maconha, o lança-perfume, a cocaína, a heroína, a merla e o *crack*. Os alunos das escolas públicas definiram presenciar ou conhecer colegas que utilizam solventes. Todos os alunos de ambos os grupos declararam, em seus depoimentos, que apenas o cigarro e o álcool são considerados drogas lícitas, por isso aceitas pela sociedade, mas que merecem também atenção em programas de prevenção. Em todas as escolas públicas, foi constatado o tráfico, realizado, em grande maioria, pelos próprios alunos, que repetem o ano escolar para continuar traficando na escola.

Os medicamentos não são citados como drogas lícitas. Em alguns depoimentos, a conceituação de medicamentos está interligada à cura de doenças. Segundo Nascimento (2003), as drogas lícitas mais consumidas pela população em geral, são: álcool, cigarro, benzodiazepínicos (medicamentos utilizados para reduzir a ansiedade ou induzir o sono), xaropes (medicamentos para controlar a tosse e que podem ter substâncias, como a codeína, derivada do opióide), descongestionantes nasais (medicamentos usados para desobstruir o nariz), anorexígenos (medicamentos utilizados para reduzir o apetite e controlar o peso) e os anabolizantes (hormônios usados para aumentar a massa muscular).

Em relação ao uso indevido de medicamentos tanto alunos como professores declaram que esse tema não é tratado no cotidiano escolar. Os professores observam que medicamentos são drogas se usados de maneira incorreta. Apenas um professor de educação física da rede pública aborda o assunto uso indevido de medicamentos em suas aulas.

Dos trinta alunos entrevistados nas escolas privadas, três julgam medicamentos como droga de abuso, e quatro acreditam que os medicamentos podem ser considerados drogas de abuso se usados de maneira indevida. Nas escolas públicas, 28 alunos

alegaram que medicamentos não podem ser considerados drogas de abuso – mesmo que sejam esteróides e anfetaminas. Dois alunos sugeriram que medicamentos podem auxiliar o combate a doenças mas, se utilizados de forma irracional (automedicação e drogadição), podem levar à morte.

Outro dado revelador da pesquisa é que ambos os grupos propõem que, tanto para o educando quanto para o educador, em relação ao tema uso de drogas e uso indevido de medicamentos, o exercício de troca, de diálogo, de embates, de compartilhamento de saberes e fazeres, da crítica da realidade, possibilitará a construção da autonomia, da solidariedade e da cooperação cidadã e manifestar-se-á na redefinição dos eixos temáticos para as diferentes áreas, na eleição das abordagens e dos conteúdos.

ALGUMAS CONCLUSÕES

Promover saúde significa levar em conta as diferentes dimensões humanas que são rodeadas de mitos crenças e representações. Por isso, a promoção da saúde é vivencial e é vinculada ao sentido de viver e aos saberes acumulados tanto pela ciência quanto pelas tradições culturais locais e universais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental (1997) e do Ensino Médio (1998) contemplam as drogas como um dos subtemas da saúde pela vulnerabilidade dos adolescentes e pelo fato de ser esta a fase da vida na qual os comportamentos grupais têm enorme poder sobre as escolhas individuais. Isso faz da escola palco para o estabelecimento de vínculos decisivos para a formação das condutas dos alunos frente aos riscos. A dificuldade em lidar com a problemática das drogas possibilita ser depositada, na educação escolar, a esperança para o tratamento do tema. Em adição, muitos medicamentos podem ser utilizados como drogas de abuso. Na verdade, os medicamentos diferem de drogas de abuso em razão de seu uso, pois são utilizados para tratar, prevenir ou diagnosticar doenças ou podem ser utilizados com fins entorpecentes, constituindo as drogas de abuso. Quando isto ocorre, as dosagens costumam ser superiores.

Um estudo realizado com jovens de 12 a 17 anos por um grupo chamado *Partnership for a Drug-Free America* (2005) revelou que, na América Latina, um em cada onze adolescentes abusa de fármacos sem receita médica. A maioria desses

medicamentos contêm opiáceo, a mesma substância contida na heroína. A pesquisa mostrou que os jovens conseguem as substâncias de duas maneiras: na gaveta de medicamentos que os pais guardam em casa e pela *internet*, pois, desta forma, não é necessária a apresentação da receita médica para que a compra seja realizada. Isso indica que as drogas estão cada vez mais acessíveis às crianças e aos jovens (*Partnership for a Drug-Free America*, 2005).

Tendo em vista essa problemática, explicita-se a importância de a escola adotar postura preventiva. Isso não quer dizer que a escola deva promover aulas explicativas sobre drogas ou medicamentos, mas identificar seus efeitos no indivíduo para que seja possível discernir as informações corretas de mitos. (ABROMAVAY; CASTRO, 2003)

Nesse sentido, a formação do professor das licenciaturas que compõem o quadro do ensino médio deve focar o aluno como um ser global – e não como uma área a ser trabalhada nas disciplinas que compõem o currículo. Na pesquisa professores das áreas de biologia, química, matemática, artes e português, filosofia e educação física declararam que é importante tratarmos o assunto do uso indevido de medicamentos em sala de aula, porém faltam conhecimentos específicos. Os professores alertam para que, no ensino médio, há uma grande teoria com os conteúdos específicos das disciplinas, deixando de lado a formação global dos alunos.

Educar para uma vida saudável é a proposta central da promoção da saúde. Assim, orientar, discutir a melhor maneira de realizar, no cotidiano escolar, a prevenção ao uso de drogas e ao uso indevido de medicamentos pode ser mais eficaz (MARLATT, 2004). Para promover saúde, não é suficiente informar; é necessária a relação dialogal, a comunicação emancipadora, na qual os sujeitos sejam envolvidos na ação educativa, formativa e criativa, levando em conta a necessária reconstrução do saber da escola e a formação continuada dos docentes.

Acreditamos que, em relação ao uso de drogas e ao uso indevido de medicamentos, o sentido do trabalho escolar está em lidar com os valores, as crenças, os mitos e as representações que se têm sobre a relação do saber-fazer-ser educador e educando. Por isso, é importante organizar e estimular situações de aprendizagem na qual a saúde possa ser compreendida como direito de cidadania e pressuposto ético, valorizando as ações voltadas para a sua promoção.

**DISCUSSING THE EVERY DAY SCHOOL AND ROLE OF EDUCATION IN HEALTH IN
RELATION WITH INADEQUATE USE OF MEDICINES FOR TEENAGERS**

ABSTRACT: The use of medicines and drugs in the adolescence is a subject that deserves special attention, thus as a generator of uncountable arguments that lead young people think that the inadequate use of medicines do not harm the health. Unesco's data dated from 2001 reveal that 2,8% of the adolescents in Distrito Federal have already seen their friends using medicines like ecstasy, sedatives, amphetamines and anabolics. The present article approaches this universe, having in view an investigation achieved in every day school with teachers and students of high public schools in Distrito Federal about health theme, drugs and inadequate use of medicines.

KEY WORDS: Education for health. Inadequate use of medicines. Adolescence. High School.

REFERÊNCIAS

- ABROMAVAY, M.; CASTRO, M. G. *Ensino médio: múltiplas vozes*. Brasília: UNESCO, 2003.
- AVERMES. *Cartilha do paciente*. Associação das vítimas de erros médicos. 2006. Disponível em: <<http://www.avermes.com.br>>.
- BRANDÃO, A. Estabilidade de medicamentos: realidade brasileira. *Pharmacia Brasileira*, Brasília, ano 3, n. 24, jan./fev. 2001.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional -LDB .Lei nº 9394/96. Brasília: Senado Federal, 1996.
- BUCHER R. *Drogas e drogadição no Brasil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- CARLINI-COTRIM, B; GAZAL-CARVALHO, C.; GOUVEIA, N. Comportamentos de saúde entre jovens estudantes das redes pública e privada da área metropolitana do Estado de São Paulo. *Revista Saúde Pública*, n. 34, 2000, p. 636-45.
- CASTRO, M. G. e ABRAMOVAY. *Drogas nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2002.
- CENTRO BRASILEIRO DE INFORMAÇÕES SOBRE DROGAS PSICOTRÓPICAS. *IV Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras*, 1997. São Paulo: Cromosete, 1997.
- CENTRO BRASILEIRO DE INFORMAÇÕES SOBRE DROGAS PSICOTRÓPICAS. *Livreto informativo sobre drogas psicotrópicas*. São Paulo: Cromosete, 2004.
- GALDURÓZ, J.C.F.; NOTO, A.R.; CARLINI, E. *V levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de ensino fundamental e médio em 10 capitais brasileiras - 2004*. São Paulo: Departamento de Psicobiologia e Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas da Unifesp – CEBRID, 2004.
- MARLATT, Alan. *Redução de danos: estratégias práticas para lidar com comportamentos de alto risco*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- NASCIMENTO M. C. *Medicamentos: ameaça ou apoio à saúde?* .Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2003.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Perspectivas políticas sobre medicamentos de la OMS. Promoción del uso racional de medicamento: componente centrales*. Washington, 2002.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Ensino médio Brasília: MEC/SEF, 1998.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Saúde. Brasília: MEC/SEF, 2000.

PARTNERSHIP FOR A DRUG-FREE AMÉRICA. TIEMPO DEL MUNDO.
Medicinas de uso común, nueva tendencia adictiva de los jóvenes em America. Cone Sul, 7-13 jul. 2005, Ano 8, n. 27.

RANG, H. P.; DALE, M. M.; RITTER, J. M. *Farmacologia*. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

ROZENFELD, S. Farmacovigilância: elemento para discussão e perspectivas. *Caderno de Saúde Pública*. v.14, p.237-263, 1998.

SANTOS, Rosa Maria S. *Prevenção de droga na escola, uma abordagem psicodramática*. Campinas: Papirus, 1997.

SINGH H, MUSTAPHA N. Some factors associated with substance abuse among secondary school students in Trinidad and Tobago and Brazil. *J Drug Educ*, v.24, 2004, p.83-93.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. *National Survey on Violence, AIDS and Drugs in Schools*. Brasília: UNESCO, 2001.